Jornal da Madeira – 27 de Março de 2017

Há cada vez mais gente na Madeira a fruir de atuações teatrais

Teatro é uma arte «de todos e para todos»

Hoje, no Dia Mundial do Teatro, fomos saber qual é o estado atual deste tipo de expressão artística na Região, e ficamos a saber que é cada vez mais uma arte inclusiva e próxima das pessoas.

©Albino Encarnação

Sandra Assunção sente-se uma «privilegiada» por estar à frente do Teatro Municipal Baltazar Dias.

TEATRO

Cláudia C. Sousa
claudiasousa@jm-madeira.pt

Sábado à tarde. Sandra Assunção, diretora do Teatro Municipal Baltazar Dias, ainda sem ter almoçado, recebe, mesmo assim, com um sorriso largo no rosto, o JM no seu gabinete para falar sobre a sua paixão maior: o teatro.

Logo no início da entrevista, a responsável pelo Teatro Municipal afirma que «é apaixonante estar no gabinete, ou de manhã ou à tarde, e ouvir música, ou estar a ouvir a declamar ou ouvir os atores. Tenho aqui uma porta em que consigo passar e ouvi-los. É magia de estar aqui dentro. Sinto-me muito honrada de poder estar à frente da programação, da receção aos atores, às atrizes, aos programadores e aos produtores, mas dos funcionários sobretudo», diz a diretora licenciada em Comunicação Social, sublinhando que almeja transformar o Teatro Baltazar Dias na «casa de todos os madeirenses», e a verdade é que já esteve mais longe.

DIA MUNDIAL DO TEATRO

Hoje, no Dia Mundial do Teatro, instituído em 1962 pela UNESCO, tentamos averiguar qual é o estado atual deste tipo de expressão artística na Região, e ficamos a saber que é cada vez mais uma arte inclusiva e próxima das pessoas. Prova disso, são as estatísticas do Teatro Municipal Baltazar Dias que atestam um aumento significativo de público, sobretudo entre 2014 e 2016. Só no ano transato passaram mais de 45 mil pessoas pelas cadeiras vermelhas desta «casa das artes», altura em que foi registado um recorde de espetadores. Esta é a prova viva de que o teatro não só respira, como está de boa saúde e recomenda-se, como diz o ditado popular. Em abono da verdade, esta «casa» só precisava de uma boa dose de oxigénio para renascer, e foi isso que este executivo camarário deu ao Teatro Municipal Baltazar Dias: uma lufada de ar fresco. «Além das nossas estatísticas dizerem isso, de termos mais gente a consumir cultura, a nossa média nacional é maior do que a do Continente. Temos mais espetadores por sessão do que eles. O Festival Literário teve sempre com casa cheia, todos os dias, mesmo sem a prémio Nobel», realça Sandra Assunção.

TEATRO INCLUSIVO

A arte, para a diretora do Teatro Baltazar Dias, só existe «se for de todos e para todos». Tal como o teatro. Neste sentido, no que concerne à Inclusão Social foram criados quatro lugares na plateia para pessoas em cadeiras de rodas e foram instituídos 12 lugares para os invisuais.

«A acessibilidade [cultural] é uma coisa que me é cara e a este executivo também. Começamos por colocar quatro lugares para pessoas em cadeiras de rodas, na plateia. Temos visitas guiadas a cegos, que podem - através do tato - sentir o Teatro. Tivemos também o primeiro encontro de Cultura e Turismo Acessível, que foi uma coisa fantástica. Foi das

coisas mais bonitas que eu vivi aqui no Teatro. Ver uma surda a fazer uma palestra para uma assembleia de ouvintes, onde ela foi falando das suas dificuldades e tinha alguém que estava a traduzir para as pessoas. Isto é altamente revolucionário», explica a diretora do Baltazar Dias.

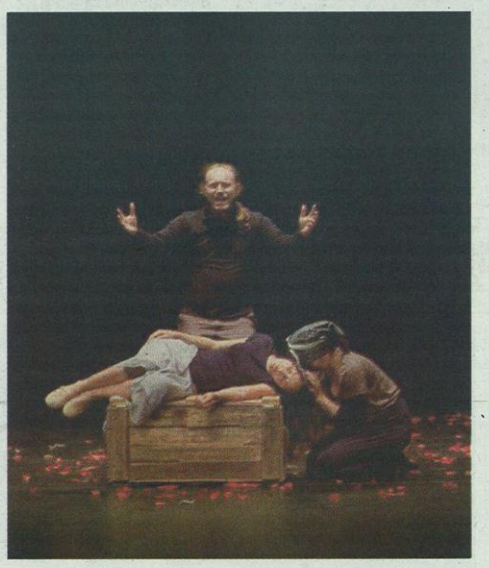
Celina Pereira, organicamente atriz de teatro, radialista, professora - e sobretudo - comunicadora, relata a sua experiência em fazer parte da peça inAPTO, que conta com um elenco que inclui pessoas com necessidades especiais, também eles interessados em cumprir com a função última do teatro: fazer pensar e fazer sentir. Passar uma mensagem – que no dia a dia é silenciada - ao mundo, através da arte.

inAPTO é a história de um homem que não sabe falar - como um recém-nascido - e de como ele é criado e destruído pela forçada aquisição da palavra. O autor da peça, Peter Handke, inspirou-se no caso real de Kaspar Hauser um menino selvagem que foi abandonado à sua sorte na selva e que depois luta contra esse isolamento social e cultural. O menino que se transformou num homem, não conhecia a arte da fala. A peça representa a relação deste homem com a linguagem: uma relação de tortura, dor e coerção. Gaspar é educado para ser como o próprio discurso: bem-formado e ordenado.

inAPTO é, assim, um murro no estômago dos espetadores. É desconcertante, cru e desmonta a sociedade em que estamos enraizados, e onde somos altamente programados. Por esta mesma razão, Celina Pereira vinca que esta é uma peça «exigente», «no sentido em que as pessoas que vão ver têm de estar dispostas a pensar e a comungar daquela ideia. É um trabalho que fala sobre a atualidade e sobre o modo como somos manipulados. Somos sujeitos à manipulação senão tivermos a capacidade de pensar de forma crítica», afirma, sublinhando que esta peça poderia «circular por qualquer lado do mundo, porque tem a inclusão no seu valor mais elevado. A inclusão não é fazer uma peça de teatro e incluir uma pessoa portadora de deficiência. É no processo – e isso é que é incluir – fazer com que estas pessoas tenham acesso pleno a esta forma de expressão, sendo que eles fazem parte do espetáculo.

© DR

Peça inAPTO produzida pela Oficina Versus Teatro.



Festival AMO-TEatro decorre até dia 2 de abril.

TEATRO COMO SUPERAÇÃO

A atriz ouvida pelo JM, relata que alguns dos atores com necessidades especiais, que fazem parte da peça, têm imensas dificuldades, por exemplo, em fixar sequências e o espetáculo «está cheio de sequências em termos corporais».

«Temos atores que não conseguem subir um degrau e que depois conseguem subir uma mesa com rodas que se movimenta. Isto é para eles um ultrapassar dos seus limites. Todos os cidadãos tem algo para dar construtivamente à sociedade, não importa a sua limitação», remata Celina Pereira.

O espetáculo inAPTO, produzido pela Oficina Versus Teatro, com a dramaturgia e encenação de Duarte Rodrigues, esteve em cena no Cine Teatro Santo António e vai agora migrar para o Auditório do MUDAS – Museu de Arte Contemporânea da Madeira nos dias 27 e 28 de Abril. Nos dias 4 e 5 de maio estará em exibição no Forum Machico, e nos dias 11 e 12 do mesmo mês estará no Centro Cultural John Dos Passos, na Ponta do Sol.

TEATRO NÃO É SÓ COMÉDIA

É precisamente para debater a sociedade que existe o Teatro, como explica ao JM Carina Teixeira, um dos membros da organização do Festival AMO-TEatro que já vai na oitava edição, e que têm vindo a cativar mais público na Região. Este ano, o certame contempla uma peça de teatro, intitulada "Esquizofrenia" que é dirigida, especialmente aos profissionais de saúde, mas que se propõem a colocar o dedo na ferida em todas as mentes que estejam dispostas a pensar no tema.

«É uma inovação. Não existia em anos anteriores. A peça "Esquizofrenia" aborda esta doença mental e todos os estigmas sociais à volta dela. Apostamos em teatro alternativo para aqueles públicos que gostam de refletir um bocadinho mais sobre as performances teatrais e que gostam de ir para casa pensar sobre os assuntos», diz Carina Teixeira, vincando que «o teatro é uma arte, sendo que o objetivo é entreter, mas não é só comédia». Celina Pereira concorda com este argumento e vai mais longe, afirmando que vivemos numa sociedade que está desabituada a estimular o pensamento. A atriz relembra que o «teatro reflete, nos seus tempos, a sociedade e trabalha os temas sociais. Estamos numa altura em que a sociedade não gosta muito de pensar. O teatro é uma arte maior e sempre foi uma arte ligada ao povo. Não há teatro se não houverem espetadores. Quando fazemos uma peça de teatro é comum as pessoas perguntem se é para rir. O teatro não é só para rir porque a vida não é só comédia. É ótimo rimos, é fantástico. Mas o teatro é um arte que trabalha os problemas sociais», realça. JM

> *"No AMO-TEatro apostamos em teatro alternativo para aqueles públicos que gostam de refletir sobre as performances teatrais e que vão para casa pensar sobre os assuntos.*
>
> **Carina Teixeira**

A NÃO PERDER

Inaugura hoje a Exposição "Aceitar"

Cátia Laranjeiras inaugura hoje a sua primeira exposição de pintura, com cerca de 20 trabalhos, que fazem parte do processo de terapia desta artista, que foi afetada pelo síndrome "burnout", um distúrbio psíquico de caráter depressivo, que dá origem a um esgotamento físico e mental intenso. Normalmente este síndrome está relacionado com uma dedicação exagerada à atividade profissional.

Utilizando a arte como catárse, Cátia Laranjeira convida o públlico a visitar a exposição, que tem como tema geral "Aceitar, Acreditar e Procurar Ajuda". Estarão expostas 20 obras artísticas, com alguns trabalhos de pintura em tela e candeeiros, que podem ser visitados, entre as 19h e as 22h, na Latada do Doutor, na Rua Câmara Pestana, 32.

O objetivo desta exposição é alertar a opinião pública de que é possível reeducar o cérebro a uma nova realidade de vida. JM

AGENDA CULTURAL

VIII EDIÇÃO DO FESTIVAL AMO-TEATRO 17

Hoje, Dia Mundial do Teatro, às 21h, está em cena a peça "A Noite da Dona Luciana", no Teatro Municipal Baltazar Dias.